

## APRESENTAÇÃO

### INFÂNCIAS E ESCOLA: DIÁLOGOS, TENSÕES E POSSIBILIDADES NO CENÁRIO EDUCACIONAL CONTEMPORÂNEO

O presente dossiê se dedica a investigar as complexas relações entre as infâncias e a escola, problematizando os desafios e as potencialidades que emergem desse encontro. Partimos do pressuposto de que a infância é uma construção plural, marcada por intersecções culturais, históricas e políticas, e que a escola, como instituição social, ocupa um importante lugar na mediação dessas experiências. Longe de ser um espaço neutro, a escola reflete e (re)produz tensões que permeiam a sociedade, ao mesmo tempo em que é um território de resistência e transformação.

A criança, enquanto sujeito de direitos e de sua própria história, não pode ser reduzida a um ‘mero’ receptáculo de conhecimentos pré-determinados. As infâncias, em sua diversidade, desafiam os modelos homogeneizantes que tradicionalmente orientam as práticas educativas. Se a pergunta “o que é educar uma criança?” admitisse respostas definitivas, talvez este dossiê fosse desnecessário. No entanto, é justamente na abertura às incertezas e no reconhecimento das perguntas que reside a potência do diálogo entre infâncias e escola. A escrita, aqui, assume um caráter investigativo, não como busca por verdades absolutas, mas como exercício de escuta sensível às múltiplas vozes que compõem o cenário educacional e as infâncias.

As crianças não chegam à escola como tábua rasas, mas como sujeitos epistêmicos, possuidores de saberes que desafiam a monocultura do conhecimento escolar. Trata-se de pensar a escola como um espaço de encontro com o inesperado, onde a curiosidade das crianças (re)significa rotinas e propostas pedagógicas. Assim, a educação não é apenas transmissão, mas também interrupção, um momento em que o estabelecido é questionado e o novo pode irromper. As crianças, longe de serem “futuros cidadãos”, são atores sociais do presente. Santos (2018)<sup>1</sup> nos lembra que a ecologia dos saberes é fundamental para descolonizar o pensamento educativo. Nesse sentido, perguntamo-nos: como a escola pode se transformar num espaço de tradução intercultural, onde os conhecimentos da tradição acadêmica dialoguem com os saberes das infâncias sem hierarquias pré-estabelecidas?

Inspirados por Rancière (2002)<sup>2</sup>, questionamos: e se a igualdade inteligente não fosse um objetivo a alcançar, mas um ponto de partida? O que muda quando assumimos que toda criança já é capaz de pensar, criar e participar ativamente da construção do conhecimento? A experiência do Reggio Emilia, documentada por Loris Malaguzzi, e os estudos de Walter Kohan sobre filosofia com crianças nos mostram caminhos possíveis...

As ações das crianças, em sua liberdade inventiva, não são ensaios para a vida adulta, mas expressões de um presente vivido com intensidade. A escola que acolhe as infâncias é aquela que se permite ser afetada por essas manifestações, reconhecendo nelas possibilidades pedagógicas radicalmente transformadoras. Assim, há nas próprias crianças - em seus corpos que escapam, em seus pensamentos que desviam, em seus gestos que subvertem - as armas mais potentes de (re)ivenção escolar. Como escreveu Glissant (1990)<sup>3</sup>, o pensamento do tremor é o único que convém ao nosso tempo. Este dossiê é um convite a tremer com as crianças - em suas perguntas que desestabilizam, em seus gestos que (re)inventam, em suas existências que

<sup>1</sup> SANTOS, B. S. *O fim do império cognitivo*. Coimbra: Almedina, 2018.

<sup>2</sup> RANCIÈRE, J. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

<sup>3</sup> GLISSANT, É. *Poétique de la Relation*. Paris: Gallimard, 1990.

desafiam. Afinal, a partir de Rancière (2005), podemos pensar que a emancipação intelectual começa quando reconhecemos que toda criança já é capaz de pensar o mundo.

Assim, esse dossiê é um convite a essa transformação radical - não para adaptar as crianças à escola, mas para (re)pensar a escola a partir das infâncias. Nas palavras de Freire (1996)<sup>4</sup>, assumimos o desafio de “ler o mundo” que as crianças já realizam, antes mesmo de lhes ensinarmos as letras. Que estas páginas possam ecoar o que as crianças sempre souberam: que educar é, antes de tudo, um ato de coragem política e poética. Nas palavras de Lispector (1998)<sup>5</sup>, “Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome”. Este dossiê é um convite para pensar com as crianças essa educação que ainda não tem nome, mas que já está sendo gestada nas brechas do sistema, nas margens das cadernetas, nos rabiscos dos cadernos, nos segredos dos pátios e banheiros escolares...

Que estas páginas possam ecoar o grito silencioso que atravessa as salas de aula: outra escola é possível, porque as crianças já a estão inventando.

#### Organizadores do Dossiê

Prof. Dr. Adilson Cristiano Habowski<sup>6</sup>

Profa. Dra. Cláudia Inês Horn<sup>7</sup>

Prof. Dr. Cleber Gibbon Ratto<sup>8</sup>

---

<sup>4</sup> FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

<sup>5</sup> LISPECTOR, C. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

<sup>6</sup> Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5378-7981>

<sup>7</sup> Universidade do Vale do Taquari. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1612-2067>

<sup>8</sup> Universidade La Salle. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9059-728X>